

### CAPÍTULO III

#### UMA BANDEIRA EM ARARAQUARA EM 1723. O "PICADÃO DE CUIABÁ", DE PIMENTA BUENO, EM 1837. SESMARIAS E POSSES NESTA REGIÃO.

O conhecimento do recanto paulista em que vivemos começou em 1723. Um bandeirante de fama, Sebastião Sutil de Oliveira, juntamente com um seu irmão e o padre Frutuoso da Conceição, conseguiram licença para organizar uma bandeira, e procurar ouro nas imediações de Araraquara, que estava localizada em pleno sertão e onde só havia índios.

Vieram, deixaram vestígios de mineração citados por vários cronistas antigos, e esta região ficou penetrada.

Por esse tempo governava S. Paulo D. Rodrigo Cezar de Menezes. Esse governador pensou em abrir caminho por terra para as minas de Cuiabá, em Mato Grosso, minas essas muito ricas e recentemente descobertas. Havia comunicação pelo Rio Tietê mas era muito penosa por causa das quedas d'água desse rio. Além disso, somente um caminho terrestre resolveria bem o transporte de tropas e materiais.

Abriram-se na época vários caminhos para diversas direções: para Goiás, para o Sul, para Mato Grosso etc.

Neste pequeno trabalho não iremos analisar nosso município relativamente a essas comunicações em épocas tão remotas. Deixamos a incumbência para os historiadores que escrevem para gente grande. A citação da presença de uma bandeira, em 1723, abrindo a zona para o povoamento, é o quanto basta para criança em matéria de antiguidade.

Mas, para que se tenha uma idéia da lentidão da conquista da terra quando a população é pouca, referiremos apenas uma estrada que foi aberta em nosso território em 1837, época bem recente e que permanece na tradição oral.

Essa estrada cortou sesmarias e posses com suas sédes distantes e isoladas. Em 1837, de Araraquara até as barrancas do Rio Paraná, não existia nenhuma povoação, apenas constando pousos de monções à beira das quedas d'água do Rio Tietê.

Chamava-se essa via de comunicação "Picadão do Cuiabá" e foi aberto por Joaquim Francisco Lopes, irmão do guia Lopes da Guerra do Paraguai, por ordem do Dr. Antonio Pimenta Bueno, presidente da Província de Mato Grosso.

Em nosso território, esse picadão, que partia de Piracicaba, depois de atravessar o Rio Jacaré Guassú, entrou pelos fundos da Sesmaria do Cambuí. Atravessou a posse da "Fazenda da Gramma", de Antonio Ferreira de Souza. Essa posse situada a poucos quilômetros de nós era cortada pelo Ribeirão S. Lourenço. Foi vendida em 15 de julho de 1843 ao Sargento-Mór Amaro José do Vale, pai do fundador de Itápolis. O picadão atravessou o local em que foi fundada esta cidade. Continuou, passando pelo Ribeirão dos Porcos, onde havia uma posse de Antonio Batista Gil, vendida em 1833 a Francisco Pinto de Souza, seguiu pelas cabeceiras do Ribeirão dos Fugidos e daí em direção do Avanhandava e do princípio da picada que também foi aberta a partir da margem do Rio Paraná.

De Piracicaba às margens do Paraná o picadão tinha oitenta léguas e duzentas e quinze braças, de percurso.

Com a abertura dessas vias de comunicação, antigas e recentes, através de território virgem, vieram as concessões de sesmarias e posses. A sesmaria mais próxima de nós era a do Cambuí que chegava até a Vila do Quadro, ponto em que fazia quadra.

A seguir, do Cambuí para o Oeste, vieram as posses da fazenda Gramma, Boa Vista do S. Lourenço onde está Itápolis, do Ribeirão dos Porcos onde houve uma capela, da fazenda Palmeiras, Barra Mansa etc., e assim sertão a dentro na direção de Mato Grosso.